

## MEDIDA DO TEMPO

Domingo último, li no jornal uma reportagem sobre o “Hubble”, o imenso telescópio orbital, cujo espelho principal mede 2,4 metros de diâmetro. Para esse laboratório astronômico a 600 quilômetros da terra vendo coisas que nunca imaginamos que pudessem existir. A reportagem termina dizendo que o “Hubble está reescrevendo os livros. Aqueles que não está reescrevendo está reilustrando, informou a NASA pela Internet.”

Fui aos meus alfarrábios e lá encontrei uma ilustração, feita a bico de pena, do “telescópio armado por Lord Ross, na Irlanda, no castelo de Parsontown”. Que diferença! Bem, concluí que meu livro de cosmografia deverá ser reescrito de cabo a rabo, segundo informou a NASA, mas foi nele que aprendi os fundamentos da ciência da época, o que me permitiu ganhar meu sustento, enquanto navegava pelos mares já navegados e explorados deste mundo. E foi folheando as páginas dos *Elementos de Cosmografia* que me detive no capítulo sobre a medida do tempo. Devo dizer que o assunto é um pouco complicado para ser explicado nesta página da *Tribuna* e nem sei se é o caso dar explicações ao paciente leitor que não pediu explicação alguma. Entretanto alguns pontos são curiosos e interessantes, sobretudo nesta época do ano. Hoje em dia, ninguém faz contas para determinar quando começa o carnaval, é muito mais fácil procurar na folhinha. Entretanto há quem as faz (mesmo porque as folhinhas têm que ser produzidas) e para quem nunca ouviu falar nisso, vai aqui a explicação:

*Segundo a tradição, Nosso Senhor Jesus Christo ressuscitou no domingo depois do equinócio da primavera (ponto vernal) e depois de uma Lua cheia. Foi o que decidiu o concílio de Nicéia a celebrar a festa da Paschoa*

*no domingo que segue a primeira Lua cheia que ocorre depois do dia 20 de Março.*

A partir da determinação do domingo de Páscoa, determinam-se as outras festas móveis do calendário litúrgico. Assim, a Septuagésima é o 9º domingo antes da Páscoa; o 40º dia depois é a Ascensão; o 8º domingo depois é a festa da Trindade. O 7º domingo antes da Páscoa é o domingo de carnaval, que é sempre numa Lua nova. Com muita propriedade, em São João del-Rei havia o Rancho Lua Nova e não poderia ser jamais Rancho Lua Cheia, nem Crescente nem Minguante. Quem não tiver outras coisas úteis para fazer, pode conferir o que acontecerá em 1996: 7 de abril é o primeiro domingo de Lua cheia, após 20 de março (equinócio da primavera, no hemisfério norte), portanto, será o domingo da Páscoa. O 7º domingo antes de 7 de abril será 18 de fevereiro, domingo de carnaval (com uma bela Lua nova invisível).

Há algumas exceções para complicar o caso e uma divertida fórmula empírica inventada por Gauss (o mesmo da curva), válida até 2100, a qual permite determinar a festa de Páscoa a partir do número do ano.

Uma vez que os livros serão reescritos, ao lado de termos pouco conhecidos, como dia sideral, dia solar verdadeiro, dia solar médio, equação do tempo, ano trópico e outros mais, tomo a liberdade de acrescentar o tempo estático. Trata-se mais de uma questão de sensação e menos de uma definição precisa. É que vamos ficando mais velhos e sentimos que não é uma boa medir nossa idade em anos civis. Passa muito depressa. Dizer que alguém tem 80 anos é uma ninharia, sobretudo para quem já os tem. Vejam bem, 80 vezes 365 são apenas 29.200 dias. Mesmo acrescentando 20, pelos bissextos, são míseros 29.220 dias. Em horas, a sensação é terrível: 29.220 vezes 24 são apenas 701.280 horas; em minutos,

42.076.800; em segundos, nem é bom pensar, são fugazes 2.524.608.000. Quando o caro leitor tiver terminado de ler este texto, verá que sua vida encurtou aproximadamente quase 1000 segundos. Os segundos se esvaem como água corrente de bica, não param, são rápidos demais. Por isso, estou propondo o tempo estático para medir nossas idades, baseado na nomenclatura mais globalizada. Devemos falar em século que sempre deu a idéia de paradeza e de muita coisa acontecida. Por exemplo, Fulano já tem mais de um século — não soa bem? Beltrano já ultrapassou meio século — não dá a impressão de muita vida vivida? Outra sugestão que tem efeitos agradáveis é usar a nomenclatura em desuso como: lustro, década, quartel, etc. São palavras que somente aparecem em discursos acadêmicos e como já perdemos a referência de seus significados, não nos causam a sensação de que a vida está indo muito depressa. No lugar de dizer que alguém tem somente 80 anos, diremos que tem meio século e 6 lustros ou que faltam duas décadas para um século ou ainda 3 quartéis e um lustro. Há muito, tenho essa preocupação e lembro-me de que entrei num barbeiro na cidade do Rio Grande (RS) e, como tinha que esperar minha vez, o dono do salão ofereceu-me uma revista e disse:

— Vai passando o tempo com esta revista — como se o tempo fosse algo que se possa esbanjar sem mais nem menos.

Repliquei, imediatamente:

— Eu não quero que o tempo passe, ainda mais esperando para cortar o cabelo. O senhor não tem algo que o faça parar?

Ele simplesmente riu, mas creio que tenha compreendido meu recado. Estava eu em busca de arranjar um jeito de modificar a sensação, pois sei que o tempo não pára. Talvez dê certo usar outras palavras que não estejam

impregnadas de velocidade. É uma tentativa.

Há, no entanto, aqueles que desejam o contrário, isto é, na ânsia de aparentar que ainda são muito jovens, têm horror à nomenclatura globalizada. Querem parar o tempo de uma forma mentirosa, diminuindo o valor da realidade. Como essas pessoas existem, proponho uma fórmula menos enganosa: em vez de diminuir a idade, que na maioria das vezes não é um fato acreditável, usem o dia como medida de tempo. Assim, uma cinquentona que não queira dizer que já viveu 5 décadas, 10 lustros, 2 quartéis ou meio século, com receio de que possa parecer peça de museu, pode dizer que tem 18.250 dias. Ninguém vai ter o trabalho de fazer contas e dá a idéia de quase nada, pois dias passam sem que sejam vistos. Melhor ainda é dizer que seu aniversário é nas calendas gregas e permanecer na ilusão da eterna juventude. Não vejo muita vantagem nisso, e creio que Nelson Rodrigues estava com a razão quando dizia: *Jovens, envelheçam!* E acrescento, envelheçam em séculos, lustros e quartéis para que se tenha a sensação de permanência, de muita vida realizada e de mais vida ainda a realizar-se.

\*\*\*

30.01.1996

Publicado na Tribuna Sanjoanense - 13.02.1996